

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

# BOLETIM GEOCORRENTE

ISSN 2446-7014

**A China nas Ilhas Salomão: ameaça  
à segurança no Pacífico?**

ESTE E OUTROS 12 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO

# BOLETIM GEOCORRENTE

Nº 159 • 06 de abril de 2022

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica e da Oceanopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Além disso, conta com a seção "Temas Especiais", tratando sobre assuntos latentes das relações internacionais.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

## NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 400 palavras ao processo avaliativo por pares.

Os textos contidos neste Boletim são de responsabilidade exclusiva dos autores, não retratando a opinião oficial da EGN ou da Marinha do Brasil.

A publicação integral de qualquer artigo deste Boletim somente poderá ser feita citando expressamente autor e fonte, e colocando o link de redirecionamento para o artigo original.

Capa: [Ilhas Salomão](#)

Por: Michael Pitts/Nature Picture Library

Fonte: Britannica

## CONSELHO EDITORIAL

### DIRETOR DA EGN

Contra Almirante João Alberto de Araujo Lampert

### SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO DA EGN

Contra Almirante (RM1) Marcio Magno de Farias Franco e Silva

### EDITOR CHEFE

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Leonardo F. de Mattos (EGN)

### EDITOR EXECUTIVO

Capitão-Tenente Bruno de Seixas Carvalho (University of Birmingham)

### EDITOR CIENTÍFICO

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Francisco E. Alves de Almeida (EGN)

### EDITORES ADJUNTOS

Jéssica Germano de Lima Silva (EGN)

Noele de Freitas Peigo (Facamp)

Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

### DIAGRAMAÇÃO E DESIGN GRÁFICO

Rafael Esteves Gomes (UFRJ)

Guilherme de Oliveira Carneiro (UFRJ)

### TRADUÇÃO E REVISÃO

Rodrigo Oliveira Dutra Marcílio (UFRJ)

## CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.  
Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca – CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/  
RJ - Brasil  
TEL.: (21) 2546-9394 | E-mail: [geocorrentenac@gmail.com](mailto:geocorrentenac@gmail.com)

Esta e as demais edições do Boletim Geocorrente, em português e inglês, poderão ser encontrados na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).



**ÁFRICA SUBSAARIANA**

Carolina Vasconcelos De Oliveira Silva (PUC-Rio)  
Franco Napoleão A. de Alencastro Guimarães (PUC-Rio)  
Isadora Jacques de Jesus (UFRJ)  
João Victor Marques Cardoso (UNIRIO)  
Luísa Barbosa Azevedo (UFRJ)  
Vanessa Passos Bandeira de Sousa (ESG)  
Vivian de Mattos Marciano (EGN)

**AMÉRICA DO SUL**

Bruna Soares Corrêa de Souza (UniLaSalle)  
Carlos Henrique Ferreira da Silva Júnior (EGN)  
Izan Reis de Araujo (USP)  
José Martins Rodrigues Junior (UFRJ)  
Luciano Veneu Terra (UFF)  
Matheus Souza Galves Mendes (EGN)  
Otávio Brasileiro Pires de Camargo (UNESP)  
Pedro Emiliano Kilson Ferreira (Univ. de Santiago)

**AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL**

Ana Carolina Vaz Farias (UFRJ)  
Jéssica Pires Barbosa Barreto (EGN)  
Rafael Esteves Gomes (UFRJ)  
Taynah Pires Ferreira (UFRJ)  
Victor Cabral Ribeiro (PUC-Rio)  
Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

**ÁRTICO & ANTÁRTICA**

Gabriela Paulucci da Hora Viana (UFRJ)  
Gabriele Marina Molina Hernandez (UFF)  
Pedro Allemand Mancebo Silva (PUC-Rio)  
Raphaella da Silva Dias Costa (UFRJ)

**EUROPA**

Guilherme Francisco Pagliares de Carvalho (UFF)  
Marina Autran Caldas Bonny (UFRJ)  
Rafaela Caporazzo de Faria (UFRJ)  
Thaïs Abygaëlle Dedeo (Université Paris 3)  
Victor Magalhães Longo de Carvalho Motta (UFRJ)

**LESTE ASIÁTICO**

Guilherme de Oliveira Carneiro (UFRJ)  
João Pedro Ribeiro Grilo Cuquejo (IBMEC)  
Luís Filipe de Souza Porto (UFRJ)  
Marcelle Torres Alves Okuno (EGN)  
Maria Eduarda Araújo Castanho Parracho (UERJ)  
Philipe Alexandre Junqueira (UERJ)  
Rodrigo Abreu de Barcellos Ribeiro (UFRJ)  
Thomas Dias Placido (UFSC)

**ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA**

Adel Bakkour (UFRJ)  
Amanda Neves Leal Marini (ECEME)  
Dominique Marques de Souza (UFRJ)  
Isadora Novaes dos Santos Bohrer (UFRJ)  
Melissa Rossi (Suffolk University)  
Vitória de França Fernandes (UFRJ)

**RÚSSIA & EX-URSS**

José Gabriel de Melo Pires (UFRJ)  
Luiza Gomes Guitarrari (UFRJ)  
Pedro Mendes Martins (ECEME)  
Pérsio Glória de Paula (Saint Petersburg University)  
Vitor Ferreira Lengruber (UCP)

**SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA**

Maria Gabriela Veloso Camelo (PUC-Rio)  
Matheus Bruno Ferreira Alves Pereira (UFRJ)  
Thayná Fernandes Alves Ribeiro (UFF)

**SUL DA ÁSIA**

Eduardo Araújo Mangueira (UFRJ)  
Gabriela Siqueira Duarte dos Santos (UFRJ)  
Iasmin Gabriele Nascimento dos Santos (UFRJ)  
Lucas Mitidieri (UFRJ)  
Marina Soares Corrêa (UFRJ)  
Rebeca Vitória Alves Leite (EGN)

**TEMAS ESPECIAIS**

Alessandra Dantas Brito (EGN)  
Bruno Gonçalves (UFRJ)  
Guilherme Novaes Silva Pinto (UFRJ)  
Maria Claudia Menezes Leal Nunes (USP)  
Raquel Torrencilha Spiri (UNESP)



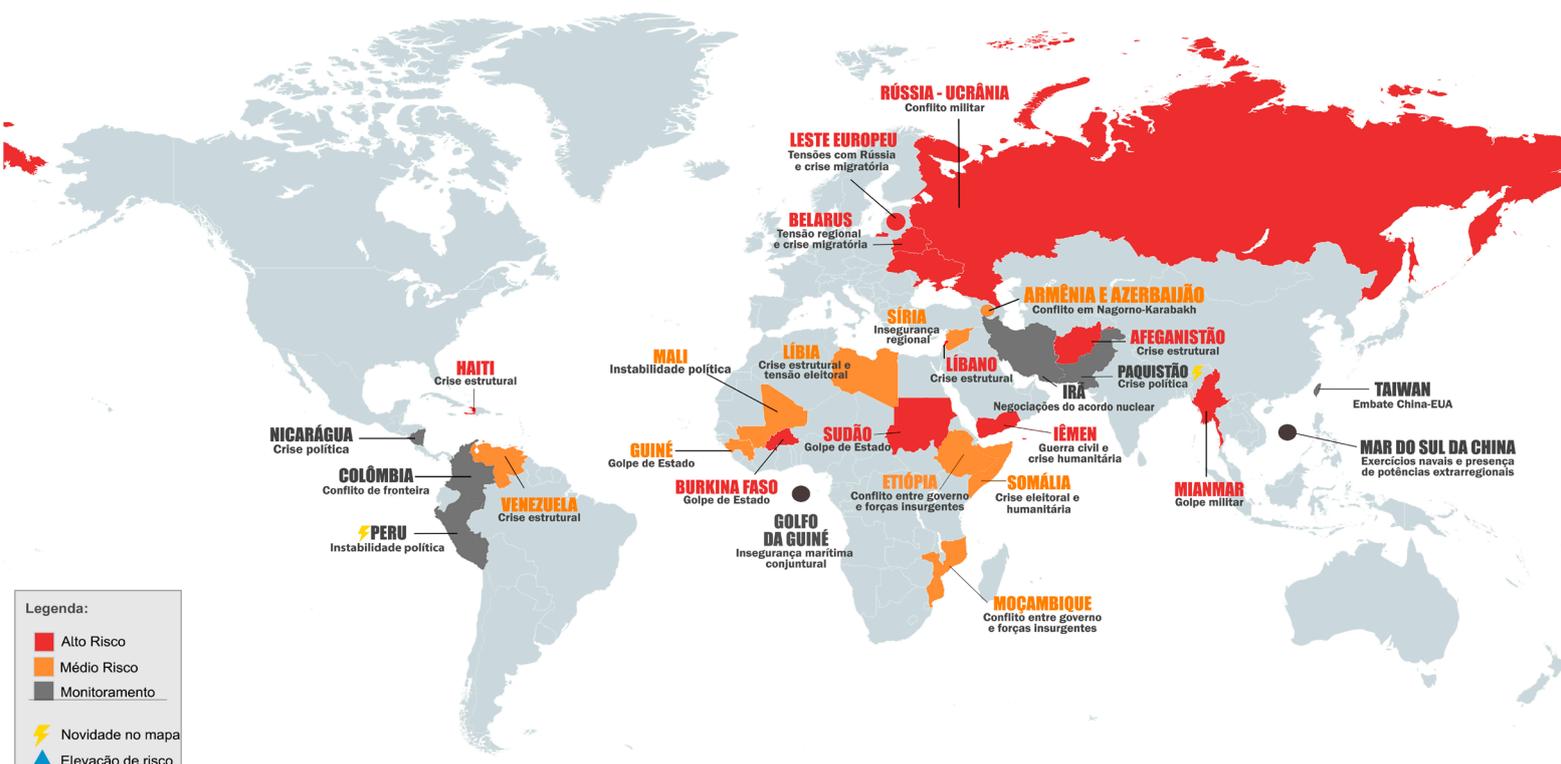
# ÍNDICE

<b>AMÉRICA DO SUL</b>		<b>RÚSSIA &amp; Ex-URSS</b>	
Disputa hegemônica no 5G: o caso do Brasil .....	6	Os impactos do Conflito na Ucrânia para a indústria petrolífera do Cazaquistão.....	11
A pesca ilegal no Peru e os entraves impostos ao país .....	7	Armênia, Azerbaijão e Irã: <i>winner</i> e <i>losers</i> da construção de corredor entre Baku e Nakhchivan.....	12
<b>AMÉRICA DO NORTE &amp; CENTRAL</b>		<b>LESTE ASIÁTICO</b>	
A influência russa nas Américas.....	8	Os impactos internacionais da política de COVID-Zero da China .....	13
<b>ÁFRICA SUBSAARIANA</b>		<b>SUDESTE ASIÁTICO &amp; OCEANIA</b>	
Potencialidades na costa de Angola e a segurança marítima no Atlântico Sul.....	8	Novas estratégias sul-coreanas: perspectivas da administração Yoon .....	14
<b>EUROPA</b>		<b>ÁRTICO &amp; ANTÁRTICA</b>	
União Europeia e Rússia: como as cooperações espaciais serão afetadas pelas sanções? .....	9	A Rússia e o setor pesqueiro na geopolítica polar .....	17
<b>ORIENTE MÉDIO &amp; NORTE DA ÁFRICA</b>		Artigos Selecionados & Notícias de Defesa.....	
A projeção regional iraniana: a influência na Guerra Civil do Iêmen.....	10	18	
		Calendário Geocorrente.....	
		18	
		Referências.....	
		19	
		Mapa de Riscos.....	
		20	

## PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

Desconsiderando a pandemia de COVID-19

Por: Vitória França



Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 20.



## Disputa hegemônica no 5G: o caso do Brasil

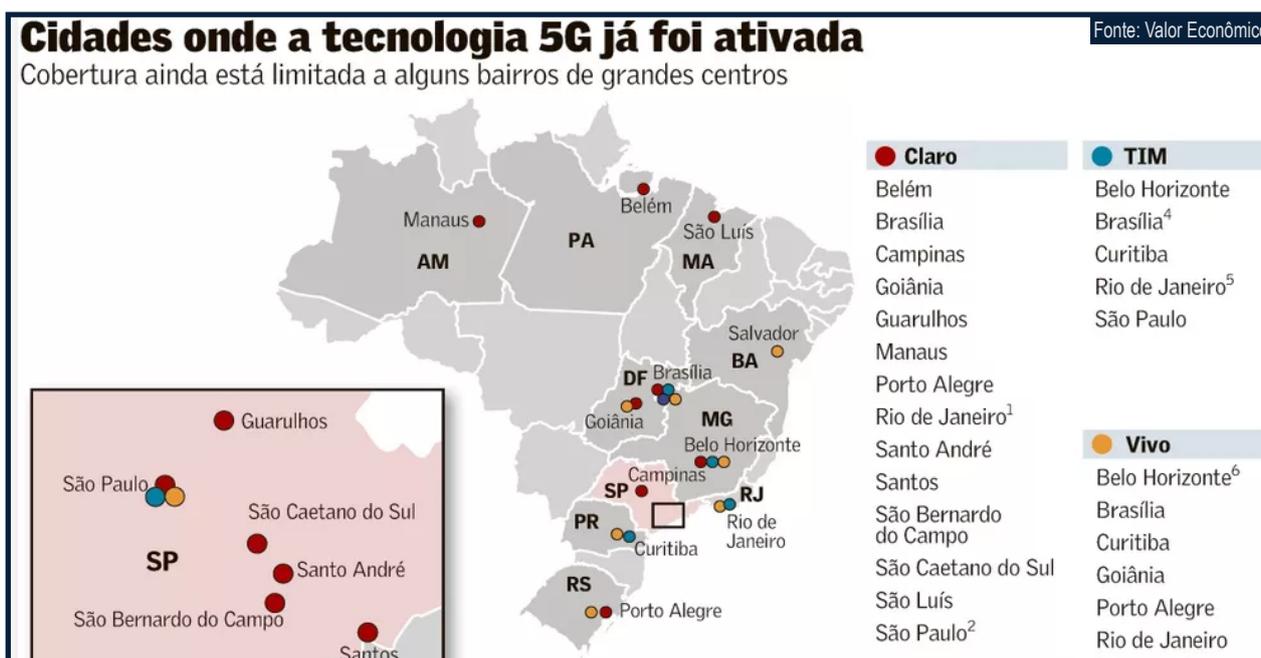
*José Martins Rodrigues Junior*

A tecnologia do 5G é tida como uma catalisadora para a próxima revolução digital, tornando-se objeto de disputa entre grandes potências. A adoção dessa tecnologia representa uma vantagem competitiva quanto ao surgimento de atividades produtivas e melhoria de processos já estabelecidos, desde a esfera civil até a militar. No Brasil, a implementação do 5G promete proporcionar, além de um importante aporte de investimentos, uma inserção favorável do país nos circuitos digitais de produção de riqueza. Assim, qual é a postura do Brasil quanto à adoção do 5G em termos de cibersegurança?

O 5G tem sido alvo de disputas, sobretudo entre China e Estados Unidos. A liderança tecnológica em sua implementação implica o reposicionamento das grandes firmas de Tecnologia da Informação e Comunicação no mundo, habilitando uma contestação da preponderância estadunidense no setor e de sua instrumentalização para fins estratégicos. Por um lado, Washington acusa a chinesa *Huawei* de auxiliar seu país de origem em operações de espionagem cibernética. Por outro, Pequim afirma que essa posição é uma tentativa de barrar o crescimento tecnológico do país. Dessa forma, globalmente, China e EUA pressionam outros Estados a escolherem suas firmas preferenciais em detrimento de seu rival geopolítico.

Nesse contexto, essa disputa interestatal se estendeu ao Brasil, cujo leilão para a cessão do espectro do 5G ocorreu em novembro de 2021. Apesar de estar sob pressão ([Boletim 146](#)), o Brasil não excluiu nenhum fornecedor de sua licitação, priorizando a proposta e contrapartidas que sejam úteis ao país. Entretanto, cabe notar que o país já foi alvo de espionagem cibernética por grandes potências, como revelado pelo caso Edward Snowden em 2013, em que a então presidente Dilma Rousseff foi grampeada por agências de inteligência estadunidenses. Desta maneira, de modo a proteger as redes privadas do Governo Federal, no leilão, incrementaram-se os requisitos de segurança para as comunicações de atividades críticas do Estado, visando mitigar potenciais ataques cibernéticos e a perda de confidencialidade dos dados.

O Estado brasileiro, portanto, assegura o pragmatismo quanto à implementação do 5G, mantendo-se aberto às propostas de diferentes empresas e tecnologias a despeito da nacionalidade de seus capitais. Assim, apesar da rivalidade acirrada entre a China e os Estados Unidos, essa medida promove uma licitação aberta e rápida para a infraestrutura geral e salvaguarda da soberania nacional, ao exigir maiores requisitos de segurança para suas informações críticas.



## A pesca ilegal no Peru e os entraves impostos ao país

Taynah Pires Ferreira

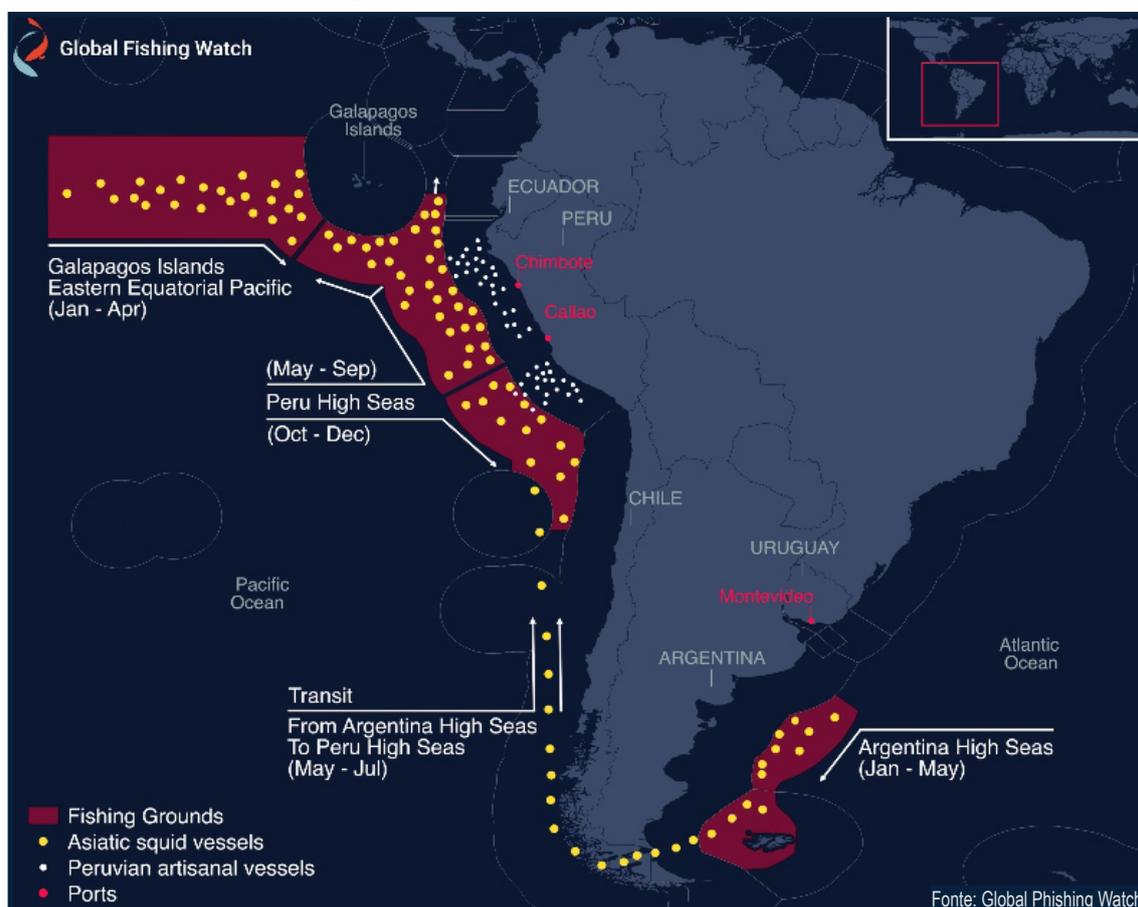
Em março de 2022, foram notificados novos casos de pesca ilegal, não declarada e não regulamentada (INN, sigla em inglês) no litoral do Peru, desta vez na região de Tumbes. Autoridades apreenderam 128 embarcações ilegais de bandeira peruana, atuando no espaço marítimo do país. Essas recorriam à pesca de arrasto, um método que utiliza barcos de pequeno porte para puxar redes, considerado destrutivo ao ecossistema marinho. Além disso, embarcações não regulamentadas de origem chinesa têm adentrado a Zona Econômica Exclusiva peruana para realizar a pesca das lulas de Humboldt. Dessa maneira, como a pesca INN gera entraves socioeconômicos para o Peru e como tal atividade representa uma ameaça a sua soberania?

Primeiramente, é fundamental destacar os impactos da pesca ilegal, visto que a indústria pesqueira representa uma atividade comercial de importância para a economia peruana, com contribuição de 2,8% para o PIB nacional. No âmbito econômico, observa-se um aumento dos custos relacionados à vigilância, além da perda na arrecadação fiscal. No plano social, a pesca INN põe em risco a segurança alimentar da população peruana, visto que as pessoas encontram restrições no acesso ao pescado, que compõe parte fundamental da alimentação do país.

Importante salientar que a costa peruana também sofre com a presença de navios pesqueiros não

regulamentados de origem chinesa, em busca do lucrativo comércio de lulas de Humboldt: tal ação produz efeitos econômicos negativos ao Peru, dado que apenas em 2020, gerou um prejuízo aproximado de US\$ 600 milhões ao país. Ademais, a pesca INN chinesa fere a soberania peruana, representando uma ameaça à exclusividade do país em realizar atividades de cunho exploratório no seu espaço marítimo. Com o propósito de neutralizar a presença chinesa em águas peruanas, o governo tem buscado monitorar esse espaço, enquanto o governo chinês nega as acusações de atividade pesqueira ilegal na região.

Conclui-se que há necessidade de incorporar leis mais rígidas em relação à pesca INN no âmbito peruano, visto que a falta de regulação e controle do volume de pescados subtraídos durante a atividade contribuem para o desequilíbrio socioeconômico no país. Isso, aliado à necessidade da disponibilidade de equipamentos para a vigilância dos espaços marítimos e a coibição da atividade ilegal. Em relação à China, o Peru se comprometeu a aumentar a fiscalização e punir severamente embarcações pescando de forma não regulamentada. Entretanto, não há perspectiva de uma atuação conjunta entre os dois países para restringir os casos de pesca INN no litoral peruano.



DOI 10.21544/2446-7014.n159.p07.

## A influência russa nas Américas

O conflito na Ucrânia possibilitou algumas reflexões mais aprofundadas sobre a importância da Rússia para os países latino-americanos. Nesse sentido, olha-se atentamente para os Estados que têm se mostrado mais dispostos ao alinhamento com Moscou e, conseqüentemente, recebem maiores recursos por parte dos russos, sendo esses Cuba, Nicarágua e Venezuela. Tendo isso em vista, qual a importância desses atores para a Rússia em seu atual contexto?

Desde a ascensão dos governos da família Castro em Cuba, dos chavistas na Venezuela e dos sandinistas na Nicarágua, esses países passaram a rejeitar um alinhamento automático com os Estados Unidos e desenvolveram boas relações com Moscou, que tornou-se importante para a manutenção de tais regimes, frente às represálias de Washington. No caso cubano, o país é um tradicional aliado russo, que entre 2006 e 2019 chegou a receber investimentos na casa dos US\$ 2.3 bilhões. Especificamente no campo militar, esses países, principalmente a Venezuela, receberam tanques e defesas antiaéreas russas, como os *T-72* e o *S-300*, além de armas de uso pessoal.

O suporte dado por Moscou a tais países no continente americano, para além do seu entorno estratégico poderia desestabilizar as regiões que tradicionalmente são alinhadas aos EUA, forçando um desvio de atenção e

de recursos por parte desses. É importante lembrar que esses países também são estratégicos do ponto de vista geopolítico, pelas posições geográficas com relativa proximidade do território estadunidense e, no caso venezuelano, grandes reservas petrolíferas.

Atualmente, esses atores são importantes para aliviar o isolamento, principalmente diplomático, promovido pelos EUA e seus aliados europeus à Rússia, frente à situação de conflito na Ucrânia. Apesar disso, tais países têm tomado uma postura mais pragmática do que de total alinhamento com Moscou. Cuba e Nicarágua se abstiveram da votação sobre a condenação russa na Assembleia Geral das Nações Unidas e a Venezuela tem iniciado conversações com Washington pela possibilidade do levantamento das sanções impostas em troca do petróleo venezuelano.

Em conclusão, pode-se perceber um esforço russo de enfraquecer a posição dos EUA nas Américas, fortalecendo países que se mostraram menos dispostos ao alinhamento com Washington, ao mesmo tempo que tentam fortalecer a posição de Moscou globalmente. Apesar de não corresponderem totalmente o apoio dado pelos russos, Cuba, Nicarágua e Venezuela ainda possuem boas relações com a Rússia, tendo apenas agido de forma pragmática em um cenário de pressão internacional devido ao conflito da Ucrânia.

DOI 10.21544/2446-7014.n159.p08.

## ÁFRICA SUBSAARIANA

## Potencialidades na costa de Angola e a segurança marítima no Atlântico Sul

Luísa Barbosa

A costa marítima de Angola se estende por 1.650 km no Atlântico Sul, tendo as potencialidades de seu desenvolvimento impactadas pela pirataria marítima, roubo de cargas de petróleo e pesca ilegal, não declarada e não regulamentada (INN, sigla em inglês). Nesse contexto, a Marinha angolana participou, no dia 22 de março de 2022, de um treinamento com os fuzileiros navais dos Estados Unidos para África. Ainda, no mesmo mês, ocorreu no Golfo da Guiné o exercício conjunto multinacional, *Obangame Express 2022* (OE22, em inglês), patrocinado pelo Comando da África dos Estados Unidos (AFRICOM, na sigla em inglês), com participação da Marinha do Brasil, visando a cooperação regional, reconhecimento do domínio marítimo e interação tática em portos e em alto mar. Assim, como a segurança marítima da região impacta o desenvolvimento das atividades econômicas na costa angolana?

A Zona Econômica Exclusiva (ZEE) do país é

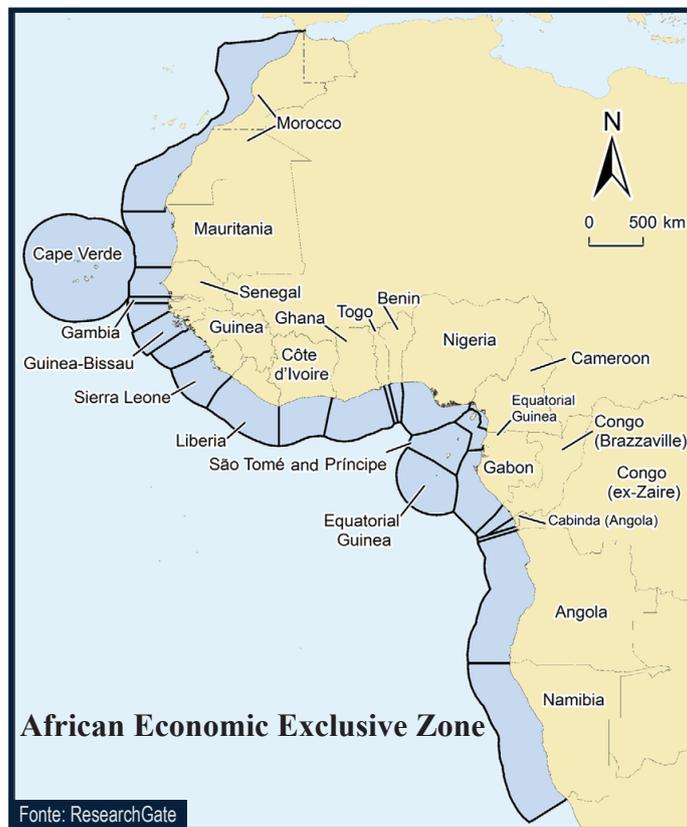
um espaço rico em potencialidades para a produção petrolífera, comércio marítimo e a atividade pesqueira. Entretanto, segundo o *International Commercial Crime Services*, no ano de 2021 foram reportados três casos de roubo armado a navios fundeados no porto de Luanda. Assim, para além de treinamentos e exercícios conjuntos, o Estado angolano busca cooperar com as Marinhas do Brasil, Namíbia e República Democrática do Congo; integrar a Comissão do Golfo da Guiné e, juntamente com Nigéria e Senegal, a adquirir navios-patrolha ([Boletim 156](#)) para aumentar a vigilância marítima da região, conforme a Arquitetura de Yaoundé.

Dessa maneira, o governo angolano se concentra no desenvolvimento da pesca, com estimativa de crescimento em 4,7%, para diversificação econômica e aumento da capacidade de produção alimentícia, segundo o plano de desenvolvimento de 2018-2022. Quanto à potencialidade da produção petrolífera, o

país é o segundo maior produtor de petróleo da África Subsaariana, com capacidade de 1,3 milhões de barris por dia, onde 75% provêm de campos *offshore*. Ainda esse ano, a delimitação da fronteira marítima entre Angola e República Democrática do Congo, onde encontra-se o campo de Lianzi com reserva estimada em 70 milhões de barris, corrobora a necessidade de investimento na infraestrutura da exploração petrolífera

na costa angolana. Essas potencialidades estão, portanto, condicionadas à segurança marítima da região.

A segurança marítima no Atlântico Sul tem se tornado fundamental à estabilidade e ao desenvolvimento socioeconômico de Angola. Dessa maneira, os interesses angolanos voltam-se à defesa de maior financiamento e fomento da cooperação regional dos Estados costeiros para o enfrentamento às atividades ilícitas presentes.



DOI 10.21544/2446-7014.n159.p08-09.

## EUROPA

### União Europeia e Rússia: como as cooperações espaciais serão afetadas pelas sanções?

Marina Autran

A cooperação entre países para pesquisas científicas espaciais é bastante complexa e retoma momentos históricos. Mesmo as tecnologias espaciais sendo confidenciais por aspectos de segurança nacional, principalmente durante a Guerra Fria, os altos custos dos projetos contribuem até hoje para a criação de parceria entre agências. A Agência Espacial Europeia (ESA, em inglês) tem um longo histórico de parceria tanto com a estadunidense *NASA* quanto com a russa *Roscosmos*. Sendo assim, como a cooperação entre a ESA e a *Roscosmos* serão afetadas tendo em vista o atual conflito entre Rússia e Ucrânia?

A ESA é formada por 22 países europeus com objetivo de exploração pacífica do espaço. Dadas as atuais circunstâncias, as atuais sanções entre a Rússia e os países europeus já estão afetando os programas espaciais. Os lançamentos espaciais na Guiana Francesa

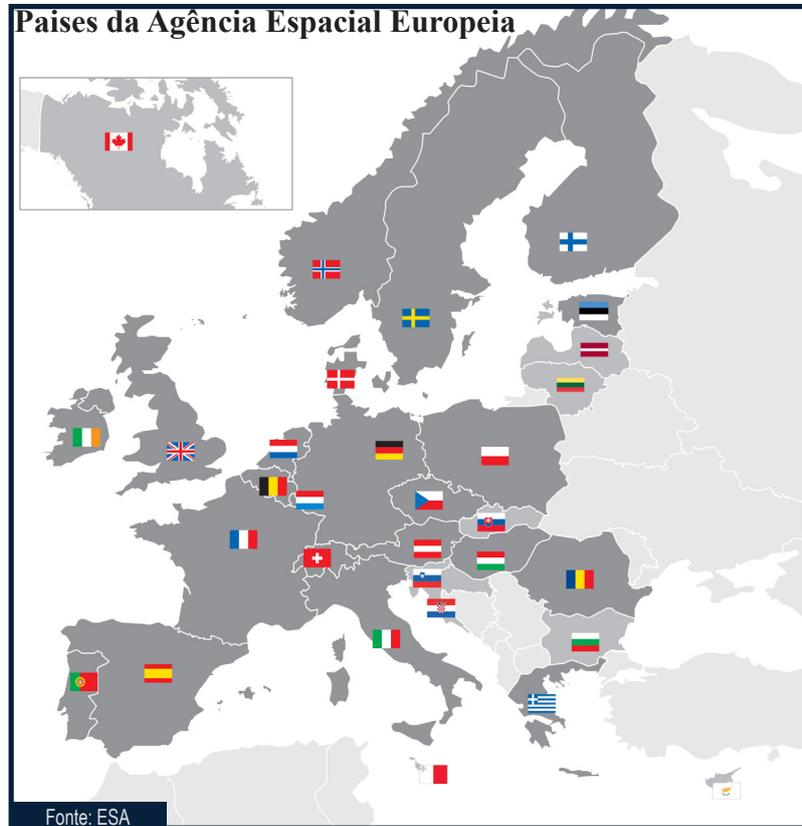
da *Roscosmos* foram suspensos pela agência e 87 técnicos foram retirados do centro espacial, o que provavelmente afetará quatro missões europeias. O ponto de maior atenção é a possibilidade de atraso no envio da missão *ExoMars* por mais dois anos, que tem o objetivo de enviar a primeira sonda e rover europeus para Marte.

Essa não é a primeira vez que a cooperação entre as duas agências é afetada por aspectos geopolíticos. Durante a anexação da Crimeia em 2014, um dos fatores limitando a capacidade europeia de resposta, além da principal sendo a dependência do gás natural, era a necessidade de tecnologia russa para lançamentos de satélites e equipamentos em direção à órbita, em especial para manter a Estação Internacional Espacial. Com isso, mesmo com essa contribuição ainda sendo um ponto importante para os programas espaciais europeus, estratégias foram postas em prática para diminuir a »

dependência. Dentre os principais planos atuais da ESA, aumentar a rede de satélites de comunicação para melhorar sua segurança cibernética de forma independente é uma das prioridades.

Portanto, nota-se que as questões geopolíticas afetam consideravelmente a cooperação espacial entre as agências europeia e russa. A preocupação existente desde a anexação da Crimeia em 2014 com sua grande

interdependência para grandes projetos permanece até hoje. Alguns dos projetos mais importantes da ESA têm cooperação com a *Roscosmos* e estão sendo afetados com o conflito atual. Sendo assim, mesmo não sendo possível a completa independência, o aumento de ações para diminuir a cooperação com a Rússia é uma possibilidade a longo prazo dentro dos projetos espaciais europeus.



DOI 10.21544/2446-7014.n159.p09-10.

## ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

### A projeção regional iraniana: a influência na Guerra Civil do Iêmen

*Amanda Marini e Vitória França*

O conflito no Iêmen é caracterizado por uma rede complexa de atores e alianças. Dentro do país, rivais de longa data disputam o controle de territórios estratégicos, campos petrolíferos e rotas marítimas importantes. A Arábia Saudita e o Irã são atores ativos, competindo pela liderança e segurança regional. A guerra iniciada em 2015 entre o grupo houthi, apoiado pelo Irã, e as Forças da Coalizão, lideradas pela Arábia Saudita, ditam o rumo do país ([Boletim 154](#)). Nesse instável tabuleiro, o Irã é um ator fundamental, fazendo do conflito iemenita uma extensão de sua estratégia para ganhar espaço geopolítico no Oriente Médio. Assim, ao entrar no oitavo ano da Guerra do Iêmen, como Teerã influencia o conflito?

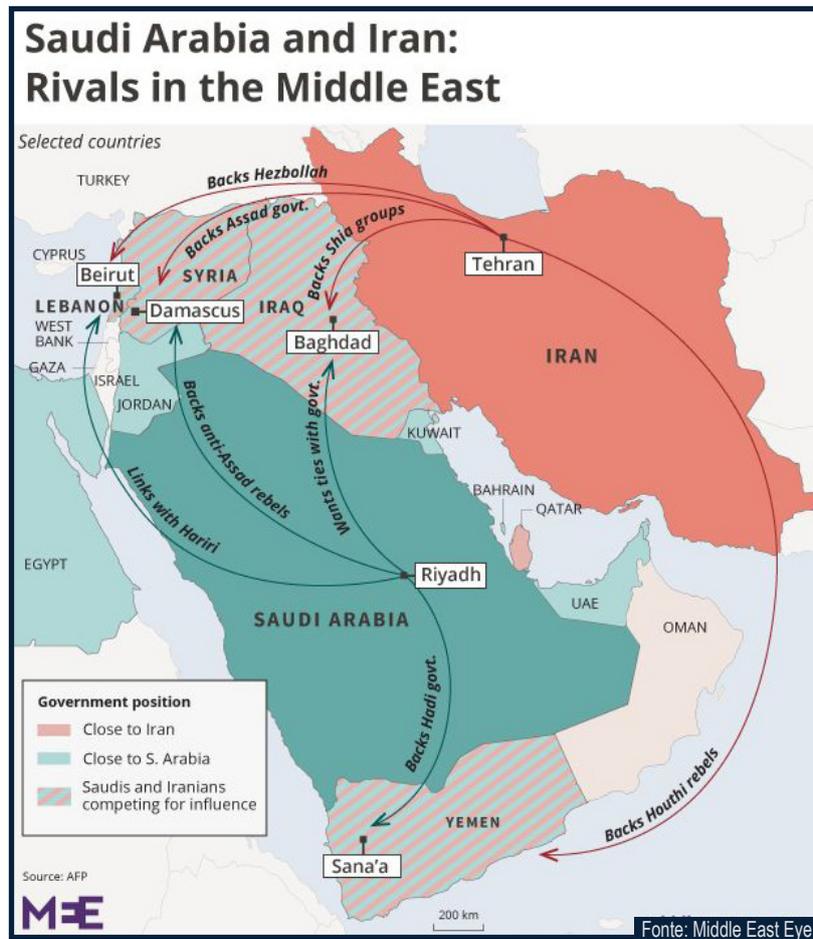
A postura militar dos houthis na Guerra Civil modificou-se desde 2015, mas seu objetivo político permaneceu constante: obter reconhecimento internacional. Paralelamente, nos últimos anos, o Irã

recorreu cada vez mais à guerra irregular como um meio de expandir sua influência e aumentar a projeção regional. Em vez de realizar ataques diretamente contra seus adversários, o país opera indiretamente por meio de apoio a grupos paramilitares.

Nesse contexto, os laços entre Irã e houthis no Iêmen cresceram substancialmente com transferências de tecnologias, como drones, além de apoio político e a integração do grupo às suas redes globais de proliferação, permitindo o envio de peças, equipamentos bélicos e treinamento militar. A partir de 2016, o fornecimento de armamentos se intensificou consideravelmente, fazendo com que os houthis tivessem maior força bélica se comparados às Forças Armadas iemenitas, detendo mísseis balísticos e de cruzeiro. Concomitantemente, o ritmo dos ataques do grupo insurgente aumentou nos últimos 12 meses, sendo os principais alvos os Emirados Árabes Unidos e a Arábia Saudita, rivais de Teerã. »

Logo, compreende-se que o Irã influencia o conflito no Iêmen por meio do apoio político e envio de armas. A aquisição desses drones e mísseis pelos houthis tem, portanto, um grande impacto no equilíbrio das forças

regionais e consagra o cerco da Arábia Saudita e seus parceiros regionais pelo Irã e pela constelação de atores não estatais apoiados pelo país.



DOI 10.21544/2446-7014.n159.p10-11.

## RÚSSIA & EX-URSS

### Os impactos do Conflito na Ucrânia para a indústria petrolífera do Cazaquistão

Pedro Martins

No último dia 24 de fevereiro, a Federação Russa deu início a uma “operação militar especial para desnazificar” a Ucrânia, nas palavras do presidente Vladimir Putin. A invasão foi seguida de um aumento significativo no preço do petróleo, benéfico para os demais produtores internacionais dessa commodity. Especificamente no caso do Cazaquistão, como esse conflito impactou sua indústria petrolífera?

O Cazaquistão é uma das cinco repúblicas da Ásia Central cujos laços com a Rússia remontam ao período czarista. Como consequência, o governo cazaque decidiu pela abstenção quando a Assembleia Geral das Nações Unidas votou uma resolução contrária à invasão russa. Essa decisão se justifica pelo fato de que não interessaria ao governo cazaque criticar o conflito, porém, ao mesmo tempo, não apoiar abertamente as hostilidades significaria potencialmente se apresentar como um potencial fornecedor alternativo. Segundo o relatório da

*British Petroleum* de 2020, o Cazaquistão possui reservas provadas de petróleo estimadas em 30 bilhões de barris e uma produção de 1.9 milhão de barris de petróleo por dia (respectivamente, 12º e 13º nos *rankings* mundiais do relatório).

No entanto, o Cazaquistão foi afetado diretamente pelas hostilidades na Ucrânia. Isso porque a maior parte da produção de petróleo cazaque é escoada pelo Oleoduto do Cáspio, o qual é operado pelo consórcio multinacional *Caspian Pipeline Consortium* (CPC). Com um escoamento diário de 1.4 milhão de barris de petróleo, esse oleoduto é responsável por dois terços das exportações de petróleo do Cazaquistão, o que equivale a cerca de 40% das exportações totais do país. Esse oleoduto começa na cidade cazaque de Atyrau, no Mar Cáspio, e atravessa a parte sul do território russo até o porto de Novorossiysk, no Mar Negro. A condução das hostilidades no Mar Negro dificulta o escoamento

do petróleo cazaque por esse duto. Além disso, outra dificuldade surge quando se considera a propriedade dos poços de petróleo cazaques que abastecem o Oleoduto do Cáspio, principalmente os três maiores: Tengiz, Karachaganak e Kashagan. Todos são administrados por consórcios multinacionais compostos por empresas estadunidenses, europeias, cazaques e russas, o que se torna desafiador no contexto de sanções e retirada de

empresas ocidentais do mercado russo.

Portanto, pode-se verificar que a indústria petrolífera do Cazaquistão sofre impactos severos por causa da dependência do Oleoduto do Cáspio e das incertezas acerca da continuidade da operação conjunta entre empresas ocidentais e russas na exploração do petróleo cazaque.



DOI 10.21544/2446-7014.n159.p11-12.

## Armênia, Azerbaijão e Irã: *winner*s e *loser*s da construção de corredor entre Baku e Nakhchivan

Vitor Lengruber

O conflito entre Rússia e Ucrânia tem impactado o Cáucaso em diversas dimensões. Por exemplo, após reorientação dos esforços russos para o Leste Europeu, a Armênia acusou o Azerbaijão de realizar ataques com drones em Karabakh. Assim, oficiais do Azerbaijão e do Irã assinaram, no início de março, um pacto para a construção de um corredor de transporte que conectará a porção oriental do Azerbaijão à região de Nakhchivan, exclave azeri localizado entre o Irã, Armênia e Turquia, através do território iraniano. De que forma esse projeto beneficiará as partes envolvidas?

O fim da Segunda Guerra de Nagorno-Karabakh, em 2020, consolidou a vitória do Azerbaijão no conflito ao atender várias demandas do país, como a recuperação de territórios perdidos na década de 1990 e a reabertura de corredores que conectassem sua porção oriental a Nakhchivan através do sul da Armênia (Boletim 127). Embora Yerevan e Baku tenham iniciado, em seus respectivos territórios, a construção da infraestrutura de conexão entre os dois segmentos azeris, a Armênia

é acusada de postergar o projeto. Neste cenário, o acordo assinado com Teerã representa uma alternativa importante, pois prevê a construção de rodovias e ferrovias, assim como terminais de energia e telecomunicação, entre o Azerbaijão e Nakhchivan, cinco quilômetros adentro da fronteira Irã-Armênia. O texto também estipula a participação de empresas iranianas na reconstrução dos territórios retomados por Baku, especialmente no parque industrial do Vale do Araz.

Assim, o acordo com o Irã permitiria ao Azerbaijão acessar seu exclave, em termos estratégicos e econômicos, a partir de uma rota mais sólida do que com a vizinha Armênia. Do lado iraniano, a iniciativa está relacionada a estreitar laços com atores relevantes em termos econômicos para suportar as sanções ocidentais. Além disso, a efetivação desta iniciativa alavancaria o *International North-South Corridor*, que conecta a Índia à Rússia através do Irã e do Azerbaijão, possuindo o potencial de transformar o Cáucaso em um importante *hub* logístico e comercial entre a Ásia e a Europa. Não >>>

obstante, o principal ator beneficiado seria a Turquia, aliada do Azerbaijão, que teria o seu acesso ao Cáspio e à Ásia Central facilitado.

Entende-se, portanto, o porquê de a Armênia ser relutante em permitir a conexão do Azerbaijão com

Nakhchivan. Mesmo que a infraestrutura contribua para tornar o Cáucaso um atrativo núcleo logístico, especialmente a partir do simbolismo de uma iniciativa entre Yerevan e Baku, o país ainda resiste pela perda de importância estratégica de seu território.



DOI 10.21544/2446-7014.n159.p12-13.

## LESTE ASIÁTICO

### Os impactos internacionais da política de COVID-Zero da China

*Philippe Alexandre e Rodrigo Ribeiro*

Diante do rápido aumento no número de casos da COVID-19, a China anunciou, em março de 2022, novas medidas de *lockdown* em 19 de 34 regiões administrativas. O governo chinês tem adotado uma política de tolerância zero contra a doença, o que implica amplas consequências domésticas e internacionais. Embora as autoridades tenham confirmado que os portos permanecerão em operação, a produção e o setor de transporte marítimo devem ser afetados. Além disso, a crise tende a impactar o posicionamento internacional de Pequim. Assim, esse artigo busca entender como a política doméstica de COVID-Zero afeta, especificamente, o posicionamento chinês frente ao conflito na Ucrânia.

As medidas de *lockdown* do governo chinês atingiram as principais indústrias e zonas portuárias do país, como Xangai e Shenzhen – onde estão respectivamente o 1º e 4º maiores portos de contêineres do mundo. Tentando aliviar o impacto das medidas sobre a economia, o governo buscou manter o funcionamento de sua estrutura portuária e até mesmo suspendeu, no dia 18 de março, o *lockdown* nas áreas industriais de Shenzhen, região

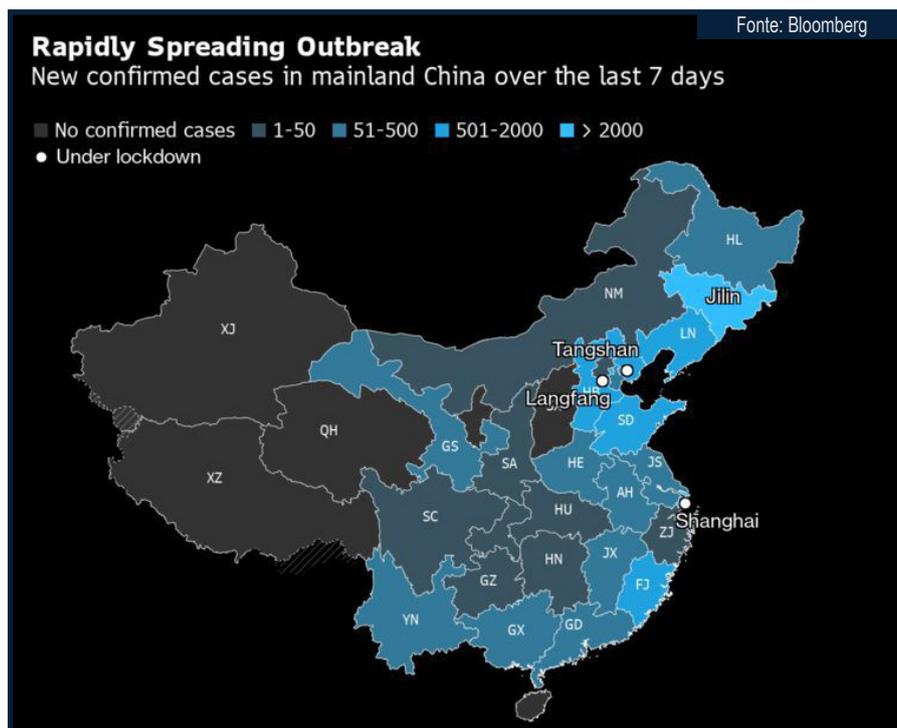
responsável por cerca de 90% da fabricação de eletrônicos da China.

No entanto, tratando-se de uma cadeia de suprimentos já afetada por dois anos de pandemia e pelos efeitos inflacionários do conflito na Ucrânia e das sanções à Rússia, entende-se que os impactos da política de COVID-Zero na produção de bens e nas exportações preocupam os principais atores do comércio marítimo internacional, que alertam para um cenário turbulento nos próximos meses, sentido principalmente nos Estados Unidos (EUA), no Pacífico e na América Latina.

Portanto, apesar de ser um fator doméstico, a política de COVID-Zero acaba moldando aspectos da política externa da China, principalmente relacionados ao seu posicionamento acerca do conflito na Ucrânia, impossibilitando o envolvimento chinês na crise e indicando que o país deverá continuar defendendo a solução imediata do conflito. Os impactos do atual surto de COVID-19 no país sobre o comércio marítimo, já abalado por conta do conflito pós-soviético, tornam difícil avaliar se Pequim conseguirá atingir sua meta

de 5.5% de crescimento econômico para este ano. Esses elementos são grandes desafios para o governo Xi Jinping, que se preocupa em combater os gargalos econômicos de alguns setores da economia (como o caso

da *Evergrande*), manter a modernização e expansão das forças armadas chinesas, assim como lidar com o governo pró-independência de Taiwan e com as críticas externas.



DOI 10.21544/2446-7014.n159.p13-14.

## Novas estratégias sul-coreanas: perspectivas da administração Yoon

Na esteira da celebração do 103º aniversário do Movimento de Independência de 1919, a democracia sul-coreana celebra outro marco: a oitava eleição presidencial direta do país. Em meio à disputa mais acirrada da história da Coreia do Sul, o ex-procurador-geral Yoon Suk-yeol venceu por 0,73% de diferença, marcando a ascensão do partido conservador *People Power Party* ao poder. Dentre as pautas domésticas que dominaram a campanha eleitoral, o desafio de superação da COVID-19 e a falta de experiência em política externa e diplomacia, o presidente-eleito Yoon expressou o anseio pelo fortalecimento da aliança militar com os Estados Unidos (EUA) e da relação trilateral Seul-Washington-Tóquio e pelo engajamento com a região do Indo-Pacífico. Diante disso, Yoon adotará um caminho diferente de Moon Jae-in em relação a questões de segurança e defesa?

Nos últimos anos, a Coreia do Sul fortaleceu e expandiu sua agenda de segurança enfatizando a modernização de suas Forças Armadas, em especial a Marinha. Esse segmento de aperfeiçoamento militar deve ser mantido durante a administração Yoon, somado à aprovação de cerca de US\$ 46 bilhões para o orçamento de defesa de 2022. Em meio a crescentes ameaças regionais e na península coreana, a restauração e o fortalecimento de alianças se fazem imperativos. Yoon

*Guilherme Carneiro e Marcelle Torres*

visa aumentar a estratégia de segurança com o sistema de mísseis antibalísticos (THAAD, sigla em inglês) e retomar exercícios militares conjuntos, reduzidos durante o governo Moon.

Tal estreitamento com Washington significaria três pontos importantes para a política externa sul-coreana: busca por maior segurança contra o avanço do programa nuclear e de mísseis da Coreia do Norte; auxílio na reaproximação com o Japão, fortalecendo a relação trilateral; e apoio para uma atuação sul-coreana mais proativa na região do Indo-Pacífico, a fim de cooperar com o QUAD e fortalecer os laços de defesa com os países da região, ampliando as ações iniciadas por Moon. Entretanto, deve-se observar se o estreitamento de relações seria visto como dependência estadunidense, e como a China – maior parceiro comercial da Coreia do Sul – reagiria a essa tomada de decisão.

Portanto, a postura de defesa de Yoon se baseia em dinâmicas conjuntas para dissuasão e expansão. Crítico à política de Moon, Yoon buscará, junto com os EUA, relações Seul-Tóquio mais favoráveis, bem como uma maior atuação no Indo-Pacífico, aumentando sua área de influência. Também, espera-se uma parceria com a China orientada para o futuro, a fim de buscar laços econômicos e estratégicos benéficos para ambos.

DOI 10.21544/2446-7014.n159.p14.

## Territórios do Norte: o dilema para a paz russo-japonesa?

Thomas Dias Placido

O conjunto de quatro ilhas denominadas “Curilas do Sul” pela Rússia tornou-se um impasse diplomático entre russos e japoneses que já dura 75 anos ([Boletim 149](#)). Isso porque o Japão alega que os territórios disputados foram invadidos pelas forças soviéticas durante os momentos finais da Segunda Guerra Mundial, em claro descumprimento ao Pacto de Neutralidade Nipônico-Soviético de 1941. Assim, dado seu potencial geoeconômico e geoestratégico, como esse litígio molda a atual relação entre Tóquio e Moscou?

No decorrer dos anos, as negociações foram permeadas por um tom pragmático, pois tocam diretamente na soberania dos Estados. Nessa perspectiva, a disputa tem evitado que estas assinem um tratado de paz desde a rendição japonesa em 1945. Entretanto, fruto de uma declaração conjunta, em 1956, sucessivas reuniões ocorreram nos anos 2000, culminando em 27 encontros sob o governo de Shinzo Abe e Vladimir Putin. O ponto basilar discutido entre os estadistas foi majoritariamente econômico, uma vez que a região, localizada no Mar de Okhotsk, é rica em recursos pesqueiros e energéticos, além de logisticamente estratégica.

Apesar das abordagens cautelosas, entende-se que a narrativa idealista japonesa em chegar a um acordo foi contrabalanceada pelo poder de influência do Kremlin.

Nessa perspectiva, sabe-se que o peso geopolítico de um potencial conflito pode afetar diretamente o posicionamento nipônico em questões internacionais urgentes – a exemplo de quando Tóquio aplicou sanções brandas à Rússia com a anexação da Crimeia em 2014. Tal projeção política se ancorou em um novo ponto de inflexão, que deixou o Japão com pouco espaço para manobras e avanços diplomáticos. Entretanto, o cenário parece ter mudado, com a administração do novo premier Fumio Kishida, que promete uma ação mais realista acerca dos interesses nacionais na região, notoriamente, como anunciado no dia 25 de março, em resposta aos exercícios militares russos no entorno estratégico japonês, que envolveram mais de 3.000 militares.

Compreende-se que o conflito na Ucrânia influenciará os próximos movimentos, com a Rússia interrompendo as conversas sobre um possível acordo no dia 22 de março. Portanto, segundo James D.J. Brown, cientista político na *Temple University*, “a realidade é que, sob o regime de Putin, não há perspectiva de que o Japão alcance um acordo territorial favorável”, mas abre a oportunidade para a administração mudar sua retórica política e reavaliar sua postura internacional, tomando uma posição contundente em relação aos litígios russos, mesmo que isso dificulte as prospecções de paz.



DOI 10.21544/2446-7014.n159.p15.

## A China nas Ilhas Salomão: ameaça à segurança no Pacífico?

Filipe Porto e Thayná Fernandes

Em março último, outro movimento marcou as tensões entre Austrália e China: junto às Ilhas Salomão, Pequim negocia um Acordo de Segurança que lhe permitiria empregar forças militares para proteger seus projetos e cidadãos nas ilhas; fazer passagens com navios, escalas e realizar abastecimento logístico. Em contrapartida, O governo salomonense poderia solicitar apoio chinês em ações de garantia da Lei e da Ordem. O rascunho da proposta foi “vazado” nas redes sociais e causou preocupação nas nações do entorno, especialmente as alinhadas ao Ocidente. Nesse sentido, caso seja oficializado, o que tal acordo poderia representar no jogo de influências do Pacífico?

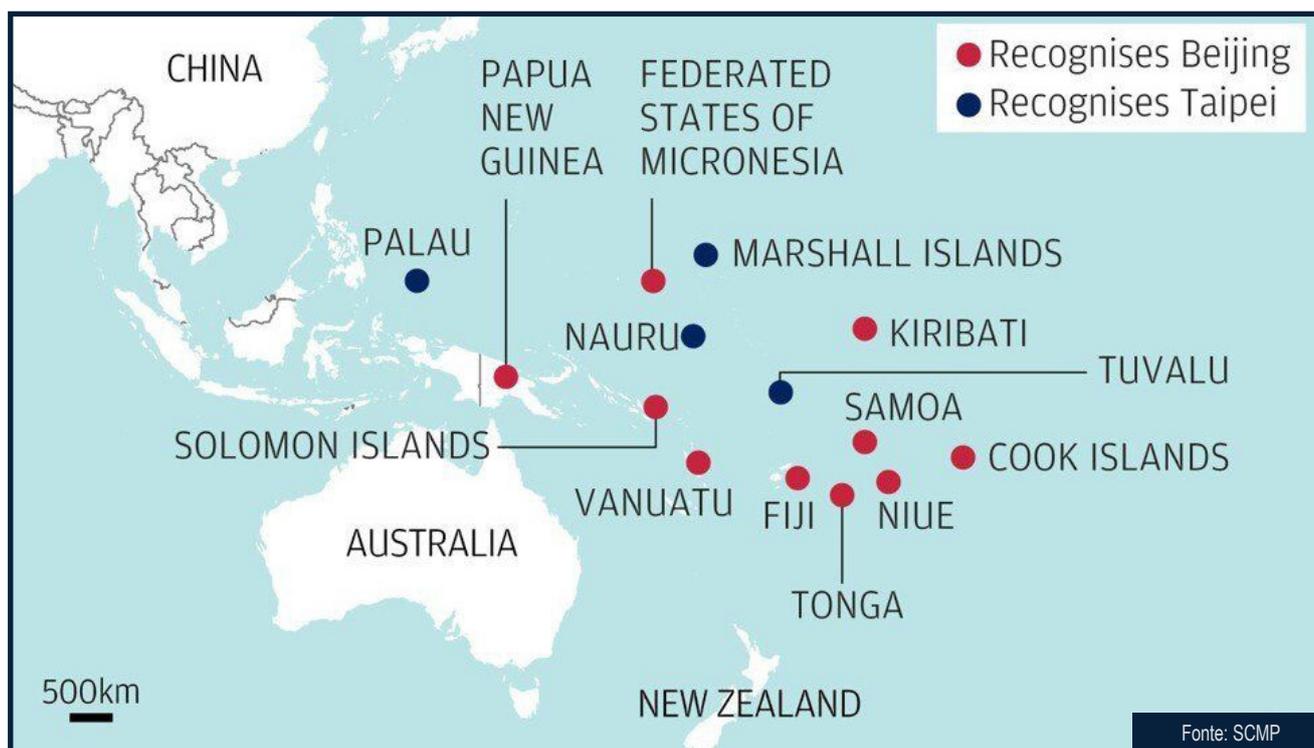
Em primeiro lugar, reforça a maior influência da China em relação à Taiwan: após 36 anos de relações diplomáticas estáveis, em setembro de 2019, mesmo com promessas de investimentos australianos e estadunidenses, as Ilhas Salomão romperam os vínculos com Taipei, passando a reconhecer apenas Pequim. A grande diáspora chinesa no país, a proximidade de Guadalcanal com a província de Guangdong e a China como principal parceiro comercial — somou US\$ 40 milhões em importações das Ilhas em 2021, crescimento de 115%, além de diversos investimentos —, influenciaram nesta decisão.

Em segundo lugar, demonstra a crescente preocupação com um “estrangulamento” ao “eixo de segurança ocidental” na região. Nos últimos anos, a Austrália vem

buscando estreitar relações com as nações insulares para conter a influência chinesa e, no caso das ilhas Salomão, além do apoio tradicional, o país pretende investir US\$ 45 milhões no país (2021 a 2027). Ainda, não por acaso, o Acordo Quadrilateral de Segurança (QUAD, sigla em inglês) foi reativado e a construção do submarino de propulsão nuclear australiano com apoio norte-americano e britânico (AUKUS, sigla em inglês) foi firmada. Em contrapartida, é logisticamente vantajoso para a China estar presente no arquipélago em questão, pois acessaria com maior facilidade suas bases na Antártica, sem precisar do apoio da Austrália.

Por último, outro aspecto de tensão é a segurança das linhas de comunicação marítima: diversas empresas chinesas desenvolvem projetos tecnológicos de alto nível que ligam as ilhas às regiões altamente industrializadas, aumentando as tensões com Canberra, que em 2017 contrapôs a oferta da *Huawei* para a construção de cabos submarinos no país.

Em suma, a grande preocupação das potências aliadas, como Austrália, Estados Unidos e Nova Zelândia é a construção de uma base naval chinesa nas Ilhas Salomão. Essas nações somam esforços para a contenção de Pequim, que parece arriscar a tradição de sua política externa orientada pelos cinco princípios da coexistência pacífica.



## A Rússia e o setor pesqueiro na geopolítica polar

*Gabriele Hernandez e Raphaella Costa*

Apesar de se localizarem em polos opostos do planeta, tanto a Antártica quanto o Ártico possuem estoques relevantes de recursos marinhos vivos em suas águas. A gestão da pesca é um dos pontos fulcrais na discussão de ambas as regiões ao lidarem com o controle e o limite efetivos da produção comercial. A Rússia, enquanto um ator proeminente na geopolítica polar e com interesses sólidos em seus recursos marinhos, preocupa os países envolvidos em ambas as regiões, cuja dúvida é: a movimentação entre os Estados em relação à Rússia seria capaz de afetar o equilíbrio de poder nos polos?

No Ártico, os reflexos do conflito na Ucrânia são sentidos no setor pesqueiro. O debate nacional norueguês ressalta a importância do reforço de sanções a Moscou, incluindo o impedimento de que navios russos atraiam em seus portos, aderindo à decisão tomada pela União Europeia nas últimas semanas. No entanto, este bloqueio não significaria a interrupção imediata da colaboração pesqueira com a Rússia, o que coloca a Noruega em uma encruzilhada. Desde 1976, os países cooperam oficialmente nesse setor a partir da criação da Comissão Conjunta Norueguesa-Russa da Pesca. Apesar de Oslo considerar a importância política da possível adoção de uma sanção a Moscou no Ártico, este bloqueio também poderia vir a afetar um dos principais setores motores da

economia norueguesa.

Enquanto isso, na Antártica, a atividade pesqueira lida com procedimentos diferentes. A Convenção sobre a Conservação dos Recursos Vivos Marinhos Antárticos, formada por 25 Estados-membros e a União Europeia, é o órgão responsável por definir as áreas protegidas de pesca no mar austral e garantir a preservação do continente. Os interesses pesqueiros russos na região são um dos principais fatores para que a construção de novos santuários de conservação seja vetada, além de denúncias de pesca ilegal em áreas protegidas. Com o conflito, a possibilidade de sanções à Rússia pode afetar a cooperação entre os Estados presentes na Antártica e fragilizar ainda mais as negociações regionais.

Colocar empecilhos à Rússia nos polos expõe a vulnerabilidade dos sistemas de governança polar, ao hostilizar um dos países com maior capacidade de navegação, presença e recursos em ambos os sistemas. A cooperação entre Estados na Antártica seria impactada, tornando as negociações mais frágeis e podendo abrir precedentes para que Moscou justifique uma postura mais agressiva regionalmente. No Ártico, o prejuízo seria majoritariamente financeiro, já que possíveis sanções poderiam afetar um dos principais setores econômicos da região.

DOI 10.21544/2446-7014.n159.p17.

- ▶ [China signals desire to improve ties with India, but is that what New Delhi wants?](#)  
IISS, James Crabtree
- ▶ [CSIS European Trilateral Track 2 Nuclear Dialogues](#)  
CSIS, Rebecca Hersman
- ▶ [Digital Dignity in Death: Are the Geneva Conventions Fit for Purpose in the Age of Social Media?](#)  
RUSI, Sarah Ashbridge
- ▶ [‘Global Britain’ and the Black Sea region](#)  
COUNCIL ON GEOSTRATEGY, Alexander Lanoszka, James Rogers
- ▶ [Thucydides was a Realist](#)  
ENGELSBURG IDEAS, Patrick Porter

## CALENDÁRIO GEOCORRENTE

Clique nas caixas para acessar os links referentes:

Por: Luísa Azevedo

### ABRIL

Principais eventos de 06 a 27 de abril

**06**



**BÉLGICA**  
ENCONTRO ENTRE  
PRIMEIRO-MINISTROS  
DE ARMÊNIA E  
AZERBAIJÃO

**07**



**OTAN**  
FIM DA REUNIÃO  
ENTRE MINISTROS  
DE RELAÇÕES  
EXTERIORES

**09**



**GÂMBIA**  
ELEIÇÕES  
PARLAMENTARES

**10 e 24**



**FRANÇA**  
ELEIÇÕES  
PRESIDENCIAIS

**18 - 24**



**ESTADOS  
UNIDOS**  
REUNIÃO ANUAL  
DE PRIMAVERA DO  
GRUPO BANCO  
MUNDIAL

**20 - 22**



**JAPÃO**  
CONFERÊNCIA  
MARÍTIMA  
INTERNACIONAL  
DA SEA JAPAN 2022

**25**



**CHINA**  
INÍCIO DA  
CONFERÊNCIA DE  
BIODIVERSIDADE

**27**



**JAPÃO**  
REUNIÃO  
DO BANCO  
CENTRAL DO  
JAPÃO

## REFERÊNCIAS

- **Disputa hegemônica no 5G: o caso do Brasil**  
BRASIL. [Leilão do 5G confirma expectativas e arrecada R\\$ 47,2 bilhões](#). Governo do Brasil, Brasília, 5 nov. 2021. Acesso em: 2 mar. 2022.  
SANT'ANA, J. [Anatel publica edital do leilão do 5G: propostas devem ser apresentadas em 27 de outubro](#). G1, Brasília, 27 set. 2021. Acesso em: 1 mar. 2022.
  - **A pesca ilegal no Peru e os entraves impostos ao país**  
CUSTODIO, L. M. [Pesca de lula de Humboldt no Peru é ameaçada por atividade ilegal](#). Diálogo Chino, Londres, 2 dez. 2021. Acesso em: 30 mar. 2022.  
GUARNIZO, G. [Pesca ilegal en Tumbes: embarcaciones bolicheras y arrastreras atentan contra la biodiversidad marina en las cinco millas](#). RPP, Lawrence, 22 mar. 2022. Acesso em: 30 mar. 2022.
  - **A influência russa nas Américas**  
ALONSO-TRABANCO, JOSÉ M. [Russia's Geopolitical Projection in the American Hemisphere](#). Geopolitical Monitor, Toronto, 16 mar. 2022. Acesso em: 17 mar. 2022.  
DEVITT, P. e SHERWOOD, D. [Russia postpones Cuba debt payments amid warming relations](#). Reuters, Londres, 23 fev. 2022. Acesso em: 17 mar. 2022.
  - **Potencialidades na costa de Angola e a segurança marítima no Atlântico Sul**  
[Angolan Marines Develop Techniques to Combat Illicit Maritime Activities](#). Africa Defense Forum, [s.l.], 22 mar. 2022. Acesso em: 24 mar. 2022.  
[Obangame Express 2022 Promotes Cooperation to Fight Sea Crime](#). Africa Defense Forum, [s.l.], 29 mar. 2022. Acesso em: 30 mar. 2022.
  - **União Europeia e Rússia: como as cooperações espaciais serão afetadas pelas sanções?**  
PITCHERS, C. [What is the EU's new space plan and why does it matter?](#). Euronews, Lyon, 16 fev. 2022. Acesso em: 19 mar. 2022.  
ROULETTE, J. [Mission to Mars with Russia this year is now 'very unlikely'](#). European Space Agency says. The New York Times, Nova Iorque, 28 fev. 2022. Acesso em: 19 mar. 2022.
  - **A projeção regional iraniana: a influência na Guerra Civil do Iêmen**  
FALK, T. [The limits of Iran's influence on Yemen's Houthi rebels](#). Al Jazeera, Doha, 8 mar. 2022. Acesso em: 29 mar. 2022.  
JUNEAU, T. [Comment l'Iran a intégré les Houthis dans ses chaînes mondiales de prolifération](#). Le Rubicon, Montreal, 3 mar. 2022. Acesso em: 29 mar. 2022.
  - **Os impactos do Conflito na Ucrânia para a indústria petrolífera do Cazaquistão**  
[Kazakhstan's Caspian Sea Port Volumes Up](#). Silk Road Briefing, [s.l.], 28 mar. 2022. Acesso em: 29 mar. 2022.  
SORBELLO, P.. [Kazakhstan's Oil Meets a Caspian Chokepoint: The Diplomat](#), Arlington, 28 mar. 2022. Acesso em: 29 mar. 2022.
  - **Armênia, Azerbaijão e Irã: winners e losers da construção de corredor entre Baku e Nakhchivan**  
[Iran agrees to host Azerbaijani corridor bypassing Armenia](#). Iran Daily, Teerã, 13 mar. 2022. Acesso em: 29 mar. 2022  
AZERBAIJÃO. [President of the Republic of Azerbaijan. Ilham Aliyev received delegation led by Iran's Minister of Roads and Urban Development](#). 2022. Acesso em: 29 mar. 2022.
  - **Os impactos da política de COVID-Zero da China**  
[China Implements New COVID Lockdowns Creating Supply Chain Fears](#). The Maritime Executive, Fort Lauderdale, 14 mar. 2022. Acesso em: 29 mar. 2022.  
DENG, I. [Chinese tech hub Shenzhen eases lockdown restrictions in industrial districts as manufacturing resumes](#). South China Morning Post, Hong Kong, 18 mar. 2022. Acesso em: 29 mar. 2022.
  - **Novas estratégias sul-coreanas: perspectivas da administração Yoon**  
KWON, M. [President-elect, Japanese PM agree to cooperate in response to NK threat](#). The Korean Times, Seul, 13 mar. 2022. Acesso em: 14 mar. 2022.  
MORIYASU, K. [New partner? Indo-Pacific leaders express hope for Yoon](#). Nikkei Ásia, Tóquio, 10 mar. 2022. Acesso em: 14 mar. 2022.
  - **Territórios do Norte: o dilema para a paz russo-japonesa?**  
OKUYAMA, Miki. [After Ukraine, Japan reverts to old line on Russian-controlled islands](#). Nikkei Asia, Tóquio, 10 mar. 2022. Acesso em: 12 mar. 2022.  
KYODO. [Russia to halt peace treaty talks with Japan over sanctions](#). Kyodo News, Tóquio, 22 mar. 2022. Acesso em: 23 mar. 2022.
  - **A China nas Ilhas Salomão: ameaça à segurança no Pacífico?**  
AQORAU, T. Solomon Islands' Foreign Policy Dilemma and the Switch from Taiwan to China. In: SMITH, G.; WESLEY-SMITH, T. [The China Alternative: Changing Regional Order in the Pacific Islands](#). 1ª. ed. Canberra: ANU Press, 2021. cap. 10, p. 319-348.  
AUSTRÁLIA. [Department of Foreign Affairs. Update - Australia-Solomon Islands Partnership in Governance \(ASIP-Gov\)](#). 2022. Acesso em 23 mar. 2022.
  - **A Rússia e o setor pesqueiro na geopolítica polar**  
KAYE, S. Legal Approaches to Polar Fisheries Regimes: A Comparative Analysis of the Convention for the Conservation of Antarctic Marine Living Resources and the Bering Sea Doughnut Hole Convention. [California Western International Law Journal](#), Califórnia, v. 26, n. 1, p. 75-114, jan. 1995.  
BYE, H. [Sanctions Against Russian Vessels May Become Burden for Fisheries Cooperation, Says Researcher](#). High North News, Bodø, 16 mar. 2022. Acesso em: 23 mar. 2022.
- Os mapas iniciais (pág 04 e 05) do Boletim foram produzidos pelo MapChart e segue as diretrizes da Creative Commons.

O mapa intitulado “Principais Riscos Globais”, exposto na página 04 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência direta ou indireta na economia brasileira e impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Ademais, serão considerados os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Após a seleção dos fenômenos, estes são categorizados em alto risco (vermelho) ou médio risco (laranja), seguindo parâmetros que refletem a gravidade do risco: quantidade de vítimas, relevância dos atores envolvidos, impacto na economia global e possibilidade da escalada de tensões. Os países em

cinza representam conflitos monitorados, caso tenha agravamento do risco, este passa a ser vermelho ou laranja.

Devido ao aumento do número de casos (infectados, internados e óbitos) relacionados à COVID-19, houve uma adaptação na análise do cenário. Dessa forma, elaborou-se um mapa à parte, com os 15 países com maior número de infectados de acordo com o último relatório da OMS divulgado até a data deste boletim. Dessa forma, os países foram divididos em vermelho, laranja e amarelo de acordo com o número de casos totais. As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados os principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

Por: Vitória França

### ► ALTO RISCO:

- AFGANISTÃO - Crise estrutural: [Germany pledges aid for Afghanistan at UN conference](#). DW, 31 mar. 2022. Acesso em: 04 abr. 2022.
- BELARUS - Tensão regional e crise migratória: [Europe's forgotten refugees: from the Middle East to Belarus to oblivion](#). The National News, 01 abr. 2022. Acesso em: 04 abr. 2022.
- BURKINA FASO - Golpe de Estado: [Burkina Faso leader says security situation will dictate transition timeline](#). Reuters, 02 abr. 2022. Acesso em: 04 abr. 2022.
- HAITI - Crise estrutural: [MSF Suspending Some Operations in Haiti Due to Gang Violence](#). Voa News, 02 abr. 2022. Acesso em: 04 abr. 2022.
- IÊMEN - Guerra civil e crise humanitária: [UN says Yemen's warring parties agree to 2-month truce](#). AP News, 01 abr. 22. Acesso em: 04 abr. 2022.
- LESTE EUROPEU - Tensões com a Rússia e crise migratória: [How east Europe's social services cope with Ukraine refugees](#). EuObserver, 04 abr. 2022. Acesso em: 04 abr. 2022.
- LÍBANO: Crise estrutural: [Lebanon: War in Ukraine means price rises amid climate crisis](#). WFP, 31 mar. 22. Acesso em: 04 abr. 2022.
- MIANMAR - Golpe militar: [Myanmar will 'annihilate' coup opponents: Military ruler | News | Al Jazeera](#). Al Jazeera, 27 mar. 2022. Acesso em: 04 abr. 2022.
- RÚSSIA E UCRÂNIA - Conflito Militar: [Ukraine war: Can Russia's promise of fewer attacks be trusted?](#). Al Jazeera, 04 abr. 2022. Acesso em: 04 abr. 2022.
- SUDÃO - Golpe de Estado: [Protester killed as Sudanese rally against coup, economic crisis](#). The East African, 31 mar. 2022. Acesso em: 04 abr. 2022.

### ► MÉDIO RISCO:

- ARMÊNIA E AZERBAIJÃO - Conflito em Nagorno-Karabakh: [Armenia signals willingness to cede control over Karabakh](#). Eurasianet, 01 abr. 2022. Acesso em: 04 abr. 2022.

• ETIÓPIA - Conflito entre governo e forças insurgentes: [First food aid for 100 days enters Tigray under 'humanitarian truce'](#). **The Guardian**, 01 abr. 2022. Acesso em: 04 abr. 2022.

• GUINÉ - Golpe de Estado: Guiné. [ONG preocupada com integridade dos detidos do caso 1 de fevereiro](#). **Mundo ao Minuto**, 04 abr. 2022. Acesso em: 04 abr. 2022.

• LÍBIA - Crise estrutural e tensão eleitoral: [Italy renews its support for the UN initiative led by Williams](#). **The Libya Observer**, 03 abr. 2022. Acesso em: 04 abr. 2022.

• MALI - Instabilidade política: [Mali, uma crise que se arrasta há dez anos](#). **DW**, 30 mar. 2022. Acesso em: 03 abr. 2022.

• MOÇAMBIQUE - Conflito entre governo e forças insurgentes: [South Africa: Samim De-Escalation in Cabo Delgado to Begin Mid-April](#). **AllAfrica**, 04 abr. 2022. Acesso em: 04 abr. 2022.

• SÍRIA - Insegurança regional: [In Syria, Russia leads effort to recruit fighters for Ukraine](#). **Al Jazeera**, 01 abr. 2022. Acesso em: 04 abr. 2022.

• SOMÁLIA - Crise eleitoral e humanitária: [UN Security Council approves new peacekeeping force in Somalia](#). **Africa News**, 01 abr. 2022. Acesso em: 03 abr. 2022.

• VENEZUELA - Crise estrutural: [U.S. Weighs Easing Limits on Chevron Contacts With Venezuela](#). **Bloomberg**, 30 mar. 2022. Acesso em: 02 abr. 2022.

► EM MONITORAMENTO:

• COLÔMBIA - Conflito de fronteira: [“El acuerdo de paz no obligó a las Farc a entregar información de carteles en otros países”](#). **AA**, 04 abr. 2022. Acesso em: 04 abr. 2022.

• GOLFO DA GUINÉ - Insegurança marítima conjuntural: [ECOWAS, European Union Unite To Tackle Maritime Insecurity In West Africa](#). **News Ghana**, 04 abr. 2022. Acesso em: 04 abr. 2022.

• IRÃ - Negociações do acordo Nuclear: [Iran nuclear deal: How to overcome the final obstacle](#). **Middle East Eye**, 04 abr. 2022. Acesso em: 04 abr. 2022.

• MAR DO SUL DA CHINA- Novos exercícios militares na região: [‘Sinking A US Aircraft Carrier’ – Beijing Conducts Massive Military Drills In South China Sea To Ward-Off US Navy](#). **The EurAsia**, 02 abr. 2022. Acesso 03 abr. 2022.

• NICARÁGUA - Crise política: [Nicaraguan President Daniel Ortega is facing backlash inside and outside the country](#). **NPR**, 02 abr. 2022. Acesso em: 04 abr. 2022.

• PAQUISTÃO - Crise política (NOVO NO MAPA): [Can the dissolution of Pakistan's parliament be overturned?](#). **Al Jazeera**, 03 abr. 2022. Acesso em: 04 abr. 2022

• PERU - Instabilidade política (NOVO NO MAPA): [Toque de queda: quiénes podrán salir durante la inmovilización social obligatoria del martes 5 de abril?](#). **El Comercio**. 5 abr. 2022. Acesso em: 05 abr 2022

• TAIWAN - Embate China-EUA: [Taiwan emboldened by Ukraine's president to alter Chinese invasion defense plans](#). **Taiwan News**, 30 mar 2022. Acesso 04 abr. 2022